

# DESVIANDO DA NORMA: INVESTIGANDO EXPERIÊNCIAS DE DIVERSIDADE E NORMATIZAÇÃO EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL SOBRE DISLEXIA NO FACEBOOK.

## INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas verifica-se crescente aproximação entre os campos Saúde e Educação. Esta redução de fronteiras estaria ensejando a formação discursiva e práticas sociais afetadas por lógicas estruturadas no ponto de vista biomédico normativo e medicalizante. Provocando estratégias de risco, rastreio e intervenção diagnóstica, implicando no aprendizado e em inflexões na sociabilidade no interior educação formal. Nesse contexto, há igualmente, crescente processo de diagnósticos de transtornos: psicológico, motor e de neurodesenvolvimento. Dentro desses, há a classificação da *dislexia* cuja peculiaridade da construção social do conceito se dá, desde o início, na estreita fronteira entre saúde e a educação. O conceito *dislexia* (transtorno específico da aprendizagem) foi construído pelo paradigma biomédico, como anatomo-funcionalidade de base neurobiológica distinta, com implicações na área da linguagem.

Neste contexto, verifica-se escassez de pesquisas sobre a experiência ou ou ponto de vistas dos sujeitos implicados. Portanto, compreende-se como relevante a contribuição de pesquisas acadêmicas sobre o assunto *dislexia* a partir da experiência e de cunho qualitativo. Este artigo segue essa proposição com abordagem comunicacional. A abordagem comunicacional traz ênfase nas relações entre cultura e poder, comunicação e poder. A pesquisa está sendo realizada em uma comunidade virtual. Segundo Garbin, Pereira Neto e Guilam (2008), constatam o fenômeno do paciente informado, trata-se do sujeito que busca informações online através da internet sobre diferentes processos de saúde e doença. Assim consomem, compartilham e se apropriam de informações biotecnológicas, farmacológicas e terapêuticas. Esse sujeito caracteriza uma postura pró-ativa na relação entre especialistas médicos e demais profissionais de saúde. Desta forma, os sujeitos que propormos investigar são compreendidos como experts havendo práticas ativas comunicativas de consumo de informação sobre sua condição.

Foi realizado observação e análise das informações disponibilizadas, acessadas e compartilhadas no contexto online. Através de prints de tela do grupo de acesso publico, [amigosedislexia.com](http://amigosedislexia.com). Este foi escolhido pelo critério de interação, por ser de acesso publico e dados públicos, estando rede social Facebook. Entendendo que os sujeitos integrantes de grupos online comportam condição subjacente ao caráter relacional e

comunicativo. Neste modo, as redes sociais online formam um universo de investigação travessado por marcas identitárias e negociações do processo saúde/doença. Assim, foi realizado um mapeamento da comunicação em rede através de inspiração etnografia pra internet que permite compreensão dos sentidos e seus atrelamentos sociopolíticos.

Trabalha-se com o seguinte objetivo geral: Compreender as concepções de sujeitos disléxicos ou com dificuldades de aprendizagem sobre sua condição e como se apropriam e constroem significados e identidades a partir das informações disponibilizadas em grupo social online sobre dislexia.

## QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS ACERCA DO CONCEITO DE DISLEXIA

O conceito de *dislexia* considerada de desenvolvimento foi construído sócio historicamente pelo saber biomédico ao identificar e afirmar discrepância entre a capacidade cognitiva normal e o desempenho escolar baixo ou ineficaz (Rubino, 2008). Para Frith, 1997 (apud Snowling, 2004), essa distinção só pode ser estabelecida com o advento da sociedade letrada que tende a generalização da escolarização dos sujeitos, não existindo em sociedades não literárias. O conceito da *dislexia* também é caracterizado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-V como transtorno específico da aprendizagem associado ao neurodesenvolvimento de origem biológica, que traz implicações atípicas e específicas no processamento de informações da linguagem.

Nos últimos anos, os neurocientistas passaram a assumir o papel proeminente na conceituação, diagnóstico e tratamento da *dislexia*. Segundo os autores Vidal e Ortega (2019), passou a haver proeminência desde a década de 90 do século passado na valorização de conhecimento neurocientífico. Havendo grande investimento em pesquisas e a irradiação desses conhecimentos em vários campos de saberes. O conceito da *dislexia* expresso pelo DSM-V e nas demais áreas de produção de conhecimento sobre *dislexia* parecem refletir essa tendência de concepções com base em estudos das neurociências. Com isso, Vidal e Ortega (2019) entendem que a maior parte dos estudos neurocientíficos ao desvelarem o complexo sistema neurobiológico, tendem para a redução dos sujeitos humanos ao cérebro. Os autores classificam este fenômeno como “sujeito cerebral” ou “cerebralização”.

Para Ortega (2019) são mudanças nas formas de se apresentar, descrever e dar sentido como sujeito na relação com outros. Estas transformações estariam situadas pelo enfraquecido dos parâmetros tradicionais relativamente estáveis como família, igreja, carreira e outras metas narrativas. Esses cabedais de referencias e construção de

identidades estariam fragilizados, perdendo sua importância. No mundo contemporâneo surgem novas formas de identidades, as referências deixam de serem buscadas no interior e passam a ser buscadas na corporeidade. Assim, na contemporaneidade haveria marcas identitárias na constituição de subjetividades ancoradas por parâmetros vindo o corpo trazendo um vocabulário fiscalista e médico nas formas de se representar e explicar.

Portanto, as relações sociais e as ideias hegemônicas presente na sociedade não se constituírem de forma desinteressada. Deste modo, a contribuição de Lima (2014) é importante. O autor aponta para estreita relação entre a indústria farmacêutica e o financiamento de pesquisas e de contratos de trabalho de membros do DSM. Rose (2013) abordam para a crescente inclusão na lista DSM de doenças de comportamentos anteriormente considerados normais.

No caso, da dislexia não há tratamento farmacológico, o tratamento diz respeito a especialistas com profissões da saúde e educação. Mesmo assim, verifica-se este processo de medicalização. Havendo padronização sofisticada operada através de dispositivos e técnicas que compõem ao ajustamento e encaixe à determinado modelo normativo de sociedade. Segundo, Lurengo (2010) a normatização social expressa relações de poder processadas na direção de medicalização da vida social trazendo impacto significativo para a infância e para a vida escolar. Assim, Lurengo (2010) entende o sistema educacional como instituição de disciplinamento para produção e reproduções sociais. Atuando a partir da uniformização e homogeneização do aprendizado e do comportamento. Essas formariam a norma e a expectativa regular do aprendizado presente nas escolas. Assim, a frustração dessa expectativa atuaria na discriminação do diferente, daqueles que desviam da norma aceita como satisfatória ao sucesso escolar. Para Lurengo (2010), a patologização e a medicalização seriam estratégias para aqueles que “(...) destoem dos padrões tidos normais” (Lurengo, 2010, p.60). Rubino (2008), a instituição escolar é detentora de precariedades de várias origens elementares como; autonomia pedagógica, infraestrutura, qualificação profissional e de materiais educacionais. No entanto, essa tenderia a dar respostas ao insucesso escolar através de mecanismos e dispositivos médicos. Assim, o insucesso escolar aproxima-se de problemas caracterizados como de saúde pública.

Dentro das ciências sociais e humanas há duas perspectivas a respeito da dislexia. Para Signor (2015) Massi (2011), negam que os problemas de aprendizagem com as características da construção conceitual de *dislexia* sejam de origem neurobiológica. Esses autores são fundamentados a partir da perspectiva sociolinguística.

Assim, o âmbito social, cultural, político e econômico compilam o campo de explicações das dificuldades de aprendizagem. Já as perspectiva sócio interacionista não nega que existe o fundo neurobiológico envolvido na linguagem, mas entende esse associado a concepções de letramento e sociais. Não havendo dicotomia entre biológico e cultura.

Algumas considerações são importantes a respeito das dificuldades do campo científico em romper com os dualismos entre corpo e mente; sistema biológico e cultura. Assim, compreende-se como relevante para a pesquisa o fato desses sujeitos transitarem e viverem na interfase entre os saberes científicos popularizados (normativo e medicalizante) e a experiência singular no processo de aprendizagem. Ambos podem resultar em efeitos subjetivos, concretos e objetivos de vida.

## DISCUSSÃO/RESULTADO PRELIIMINAR

Foi verificado através de análise da conversação em rede que a comunidade virtual [amigosedislexia.com](http://amigosedislexia.com) demonstra ser um lugar profícuo da experiência de quem vivência cotidianamente com dificuldades de aprendizagem. Assim, é possível ter acesso a diferentes informações sobre questões a respeito do conceito, diagnóstico e as dificuldades de aprendizagem. Desta forma, o grupo proporciona aos seus integrantes meio de busca de respostas ao atendimento à necessidade de explicação, alívio, apoio em saber lidar com as dificuldades. Através do mapeamento dessas comunicações foi possível classificar essas práticas comunicativas do seguinte modo: integrantes que se destacam com narrativas normativas, respondem sobre os parâmetros científicos do campo biomédico e Educacional em termos de especialidade atrelados ao conceitual hegemônica da dislexia, assim, endentemos como experts normativos. Sujeitos que mobilizam, postagens e comentários cuja narrativa se destaca recomendações não científicas, mas atreladas a sua experiência sensível, como ler em voz alta, usar corretor digital, fazer meditação etc. Esse categorizamos como sujeitos onde se destacam práticas de apoio compensatório. Além de sujeitos que trazem de forma mais proeminente narrativas em torno da sua trajetória de vida do insucesso escolar, do desencaixe as normas e dos erros mesmo de palavras comuns tanto na fala como na escrita, assim, compilando o sentimento de vergonha, frustração e falta de empatia. Mapeamos estes últimos de sujeitos trajetória de vida. Há também o sujeito apoio motivacional que atua na elevação da autoestima, havendo suporte através de palavras de incentivo e superação. São sujeitos que negociam a partir da experiência com as suas dificuldades de aprendizagem, através dessas interlocuções. Todos eles possuem uma

prática comunicativa dinâmica são categorias que marcam proeminência, mais não são absolutas. Essa discussão permite aprofundarmos sobre os aspectos sociopolíticos ao entendermos que esses sujeitos transitam entre a normatividade e a diversidade. A maioria da narrativa presente na prática da comunicação em rede, entre pares, se reverbera a dimensão do sofrimento daqueles que buscam, mas não corresponde a normalidade social. Esta normatização está atrelada a homogeneização do aprendizado a partir de um padrão médio, estando presente na escola, no trabalho e na comunicação interpessoal. Essas dificuldades são tidas como atípicas e persistentes, mesmo havendo condições de ensino e letramento adequados, mesmo em sujeitos com nível superior de ensino. Dizem cometerem erros com palavras comuns, como na escrita de certo com s; porta com t.

Consideramos, assim, que à construção social desta classificação biomédica da dislexia, assim como, qualquer outro diagnóstico, envolve interesses sociais, político e econômicos. Mas, também há um fator crucial no caso da dislexia, pois envolve o sofrimento das pessoas em razão de não responderem a expectativa normativa vigente. Havendo em suas experiências marcas do desencaixe, da inaptidão e do demérito. Mesmo quando em condições ensino e de letramento adequadas, deve-se considerar que existe heterogeneidade das formas de aprendizagem que compõem a diversidade. Mas o saber biomédico oferta resposta pela via da patologia. Por intermédio dele há o reconhecimento das necessidades especiais de ensino como direito e o não reconhecimento da diversidade por outro na sua heterogeneidade. Assim, há relatos pessoais cotidianos a respeito da condição, onde se verifica a circulação e apropriação do vocabulário médico e neurocientífico. Esses aspectos relacionais e comunicativos provocam apropriação de valores e sentidos sociais sobre “si mesmo”, portanto, um processo de subjetivação. Assim, esses sujeitos ao explicarem suas performances em parâmetros médicos, biológicos e neuropsicológicos compõem ancoragem para a construção de bioidentidades, pois explicam e entendem a si mesmos a partir da corporeidade. No entanto, a biossociabilidade não é taxativa, estando combinada com outras marcas identitárias e referenciais que agregam sentido a personalidade.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. In: Dreyfus, H.; Rabinow, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. p. 231-249. 1995

GARBIN, Helena Beatriz R; PEREIRA NETO, André F; GUILAM, Maria Cristina R. [A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica.](#) Interface Comunicação. Saúde, Educ. v.12, n.26, p.579-88. 2008.

LAMEGO, Denyse T C. Dimensões sociopolíticas dos problemas específicos de linguagem e aprendizagem: um estudo a partir de narrativas sobre a dislexia. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher)-Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

LIMA, Rossano C. *Um panorama da medicalização na infância.* In: Instituto CPFL. 18 de agosto de 2014.

LURENGO, Fabiola Colombani. *A vigilância punitiva: a postura dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância.* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MASSI, Giselle; SANTANA, Ana Paula O. *A desconstrução do conceito de dislexia: conflito entre verdades.* Revista Paidéia, vol. 21, n. 50, p.403-411. 2011. Disponível online em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n50/13.pdf>>. Acessado em: 30 Abri 2020.

ORTEGA, Francisco. *Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades.* Revista Cadernos saúde coletiva. v.11, n1, p.59-77. 2003.

RUBINO, Rejane. *Sobre o conceito de dislexia e seus efeitos no discurso social.* Revista. Estilos da Clínica, vol. XIII n. 24, p.88-97. 2008.

\_\_\_\_\_, Francisco. *Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades.* Revista Cadernos saúde coletiva. v.11, n1, p.59-77. 2003.

SIGNOR, Rita. *Dislexia: Uma análise histórica e social.* Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v.15, n.4, p.971-999. 2015.

SNOWLING, Margaret J. *Dislexia.* São Paula: Santos livraria e editora. 2ed. 2004.

VIDAL, Fernando; ORTEGA, Francisco. *Somos nosso cérebro?* Neurociências, Subjetividade e Cultura. São Paulo: Hedra. 2019.